

O Objeto Tutor - Conceito de Victor Guerra

BRUNA LUCAS*
INTA MULLER**
JÉSSICA ARONIS***
JÚLIA JASKULSKI****
JÚLIA PIMENTEL*****
LAURA WOLF*****
LUCIENE BECKENKAMP*****
NICOLE NEMETZ*****

RESUMO: Victor Guerra, psicanalista uruguaio, criou o conceito de objeto tutor. Enfatizou a importância dos vínculos nos momentos inaugurais da vida psíquica do bebê. Com seu olhar atento, entendeu que o mundo do bebê é povoado por objetos que o acompanham, identificam-no e o sustentam, em etapas e formatos variados. Lembrou-nos de que as coisas não são meramente coisas: os objetos que nos fazem companhia contam histórias, são testemunhas de encontros e relatam a intimidade familiar, representando a força do vínculo com o objeto ausente. Estes objetos envolveriam o bebê, cumprindo a mesma função de proteção, continuidade e segurança que adviriam de seus cuidadores. Victor Guerra contribuiu de maneira ímpar para com o arcabouço teórico-prático da Psicanálise ao descrever os *objetos tutores* e sua imprescindível função na constituição psíquica do bebê que cresce rumo à complexização de um aparelho psíquico capaz de representar, amar e sonhar.

PALAVRAS-CHAVE: Objetos. Relação mãe-bebê. Vínculo.

The Tutor Object - Concept of Victor Guerra

ABSTRACT: Victor Guerra, Uruguay an psychoanalyst, created the concept of tutor object. He emphasized the importance of the bonds in the opening moments of the baby's psychic life. With his watch fuleye, he understood that the world of the baby is populated by objects that accompany it, identify and sustain it, in varied stages and formats. He reminded us that things are not merely things: objects that keep us company tell stories, are witness

* Psicóloga e Psicanalista pelo Cep de Pa

** Psicóloga, Coordenadora do setor de Intervenções Precoces do CEAPIA e Psicanalista pelo Cep de Pa

*** Psicóloga e aluna do segundo ano de Especialização no Instituto Contemporâneo

**** Psicóloga e aluna do segundo ano de Especialização em Infância e Adolescência do CEAPIA

***** Psicóloga do ESIPP

***** Psicóloga e aluna do segundo ano de Especialização em Infância e Adolescência do CEAPIA

***** Psicóloga formada pela PUCRS

***** Psicóloga e aluna do primeiro ano de Especialização no Instituto Contemporâneo

esto encounters, and report family intimacy, representing the strength of the bond with the absent object. These objects would involve the baby, fulfilling the same function of protection, continuity and security that would come from their caregivers. Victor Guerra contributed in a unique way to the theoretical-practical framework of Psychoanalysis in describing the tutor objects and their essential function in the psychic constitution of the baby that grows towards the complexization of a psychic apparatus capable of representing, loving and dreaming.

KEYWORDS: Objects. Mother-baby relationship. Bond.

Introdução

O psicanalista uruguaio Victor Guerra, ao teorizar sobre os meses iniciais dos bebês, refere que estaria presente, no psiquismo incipiente, uma espécie de surpresa ou fascinação pela permanência e pela continuidade dos objetos. O processo de simbolização, como amadurecimento esperado desse aparelho psíquico primitivo, objetivaria construir um continente seguro e permanente para o *infans*. Tal continente se constituiria vinculado a objetos cotidianos oferecidos pelo outro e, por meio de seu enlace com as fantasias infantis, colocar-se-ia como suporte fundamental para o desenvolvimento do *self* em formação. Esses objetos, assim investidos, foram denominados de objetos tutores (Guerra, 2010). Estes objetos envolveriam o bebê, cumprindo a mesma função de proteção, continuidade e segurança que adviriam dos cuidadores.

Através do valor especial que lhes é fornecido, os objetos tutores perduram ao longo de uma vida inteira, falando de como é a pessoa, sua história e sentimentos. Também fazem parte da apresentação do espaço que a mãe oferece ao seu bebê, libidinizando objetos fora de si mesma e começando a criar um lugar entre ela e seu filho. O bebê se entretém com esses objetos-brinquedos, bem como com o ambiente onde se encontram, sustentando a continuidade do bebê com sua mãe quando esta se encontra ausente. São, igualmente, objetos que compartilham estados afetivos com o outro, participando de suas intenções e desejos. Constituem-se anteriores e diferentes dos objetos transicionais, uma vez que são variáveis e não escolhidos pelo bebê, mas sim, co-construídos na relação com a mãe. O presente trabalho tem como objetivo apresentar o conceito de objeto tutor, ilustrando-o com uma vinheta clínica. Ressaltamos a importância deste conceito para a Psicanálise.

Os Objetos Tutores

Victor Guerra (2010), ao escrever sobre o papel dos objetos inanimados da vida cotidiana, inaugura uma nova concepção sobre estes “símbolos” nos cerceam, citando Di Cegli (1987): “*Symbolón*” quer dizer sinal de reconhecimento; era um objeto partido em dois entre dois indivíduos. Cada indivíduo reteria uma metade. Depois de uma longa ausência, um deles apresentaria sua metade e, se

esta correspondesse com a outra metade que teria o outro indivíduo, poria em evidência o vínculo entre os dois” (Di Cegli, 1987, p.122, citado por Guerra, 2010). Este conceito abarcaria seis sentidos:

1. Relação com um desejo de separação: por se tratar de dois sujeitos que devem - ou desejam - separar-se, reforça o amadurecimento saudável da constituição subjetiva do ser humano, na qual é fundamental a separação do outro.

2. O jogo de presença e ausência: acontece a partir da combinação da presença/ausência do objeto concreto, ao qual se imputa a memória da ausência de um objeto pulsional.

3. O emprego de uma agressividade para operar um corte, uma ruptura, tomando a eleição de um objeto tutor como metáfora da constituição subjetiva. Sem o emprego de uma agressividade, não acontece a separação do outro.

4. O corte do objeto implica uma divisão do mesmo, bem como uma divisão de espaços físicos distintos, com dois objetos que, partindo de uma mesma origem, ao dividirem-se, constituem-se como diferentes.

5. Tendo-se em conta que não há simbolização sem uma experiência de separação-deslocamento no espaço, o jogo de substituições, que configura toda simbolização, tem como eixo o trabalho de metaforização, de deslocamento de uma coisa em outra. Duas pessoas deslocam-se e separam-se, assim como deslocam vivências das suas mentes ao objeto, o qual passa a ser continente de certos conteúdos psíquicos. Esse objeto “amuleto” teria um valor superlativo frente a outros “sem história”.

6. Como último aspecto, tem-se a utilização de um objeto concreto que testemunha uma relação e que se supõe ter sido eleito, investido, por duas pessoas. O valor do objeto está em ser uma marca, ser testemunha de um encontro que possibilita uma separação. Encontro que, analisado do ponto de vista da intersubjetividade, pressupõe a presença do outro como sujeito separado, ponto de partida fundamental para a construção do “si mesmo”.

Sobre isso nos aponta Roussillon (2008): “...*los procesos psicicos tienen necesidad de ser materializados al menos transitoriamente, en una forma perceptible para recibir una forma de representación psíquica, una forma de auto-representación*” (Roussillon, 2008, p.88, citado por Guerra, 2010). Seguindo essa premissa do autor Roussillon (2008), somos convidados a pensar a intersubjetividade como um fenômeno que não se encontra desligado da vida pulsional: “*Sería el encuentro de un sujeto, animado de pulsiones y de una vida psíquica inconsciente con un objeto que es también un otro-sujeto y que presenta las mismas características*” (Roussillon, 2008, p.66, citado por Guerra, 2010). Compreende-se, assim, que a intersubjetividade seria uma forma assimétrica de compartilhar estados afetivos com o outro, participando de suas intenções e desejos através da empatia. Segundo Guerra (2010), nesse processo, a atenção cumpre um importante papel. A etimologia nos diz que a palavra *atenção* provém do latim “*attentio*”, de “*attendere*”, pressupondo investimento atencional sob três aspectos:

- a) Tomar cuidado: “atenção!”.
- b) Dirigir os sentidos para “um olhar atento”.
- c) Dar cuidado, por ex.: atender, cuidar de alguém.

Podemos compreender que se evidencia um processo ativo de um movimento psíquico para um objeto, perspectiva essa assinalada por Freud (1911):

“Instituiu-se uma função particular, a atenção, que iria explorar periodicamente o mundo exterior, a fim de que seus dados já fossem instalados antes que se instalasse uma necessidade interior implacável. Esta atividade sai ao encontro das impressões sensoriais em lugar de aguardar sua emergência” (Freud, 1911, p. 222).

Essa sensação de movimento está presente quando o bebê, nos primeiros meses de vida, não pode deslocar-se de um lugar ao outro: poderíamos dizer que a atenção seria “as pernas de seu psiquismo”, uma vez que o bebê “viaja pelos espaços” através dos objetos.

Para Guerra (2010), há duas formas de atenção: a operatória e a transicional. A *atenção conjunta operatória* trata-se daquela em que a mãe atende ao bebê, mas não introduz nenhum jogo lúdico nem faz uso da narratividade durante a interação. Seu cuidado é operatório parecendo uma ação sem espessura psíquica. A *atenção transicional*, ao contrário da anterior, acontece quando a mãe tem a possibilidade de captar o interesse do bebê e interagir de forma lúdica, com narratividade e ritmo, permitindo uma abertura ao espaço intersubjetivo, criador de vínculos. Assim, podemos apreciar, a partir dessa última forma de atenção, a emergência de certa capacidade do bebê em brincar com os objetos.

Pergunta-se, então: que tipo de objeto seria este que inaugura a intersubjetividade, o espaço “entre”? Guerra (2010) cita os diferentes tipos de objetos que eventualmente entrariam em jogo no universo do bebê no primeiro ano de vida: o objeto pré-lúdico (P.Gutton, 2000, citado por Guerra, 2010), o objeto autista (F.Tustin, 1990, citado por Guerra 2010), o objeto fetiche (D.Winnicott, 1971), o objeto precursor (R. Gaddini, 1980, citado por Guerra, 2010) e o objeto transicional (Winnicott, 1971). Ao referir-se ao objeto tutor, aponta algumas de suas peculiaridades, a fim de diferenciá-lo dos demais: não seria representante de uma parte do corpo do bebê, nem um objeto que servisse para aliviar angústias de aniquilamento primárias. Não seria, igualmente, um “objeto transicional”, pois que deveria ser descoberto pela mãe e pelo bebê, bem como não se constituiria apenas para tolerar momentos de angústia de separação. Seriam, sim, objetos que cumpririam outra função: de *tutores da relação* mãe e bebê.

A definição de *tutor*, para Guerra (2010), refere-se a uma estaca que se crava junto a uma planta para mantê-la ereta em seu crescimento ou remete ao exercício da tutela por aquele que guia, ampara ou defende, autoridade que, em ausência dos pais, é conferida para que se cuide das pessoas ou dos bens do indivíduo que não possui completa capacidade civil. Essa dupla definição é rica em significados: “estaca” poderia operar como um terceiro objeto que permitiria que a planta (como o bebê) pudesse separar-se da “mãe-terra” e avançar ao espaço de forma autônoma, como um espaço de “terceiridade”. Guerra (2010): “...el ‘objeto tutor’ ayuda en el proceso de separación porque sostiene y habilita

que el bebé se separe de la madre, invistiendo y atendiendo otros objetos en un espacio que sea diferente al cuerpo de ella” (Guerra, 2010,p.8).

Como vemos, a importância do objeto tutor repousa no fato de que é co-construído e se situa em um “entre” o bebê e sua mãe, inaugurando uma perspectiva intersubjetiva, de co-construção de uma experiência emocional. Poderíamos defini-lo através destas características (Guerra, 2010): aparece aos 4-5 meses; tem estreita relação com o domínio manual (pulsão de domínio); é modificável e plural (podem ser vários); surge a partir da atenção conjunta sustenta a atenção como função de investimento, exploração do ambiente e separação da mãe; faz parte da “apresentação do espaço” feita pela mãe; é anterior e diferente do objeto transicional, uma vez que é variável e não escolhido apenas pelo bebê, mas, sim, co-construído na relação com a mãe.

Dessa maneira, pode-se aventar que é o ambiente, povoado destes objetos tutores, que promoverá a continuidade do bebê na ausência da mãe. Guerra (2010) ressaltava outro aspecto importante da construção do objeto tutor: a narrativa. Quando a mãe tem uma disponibilidade lúdica, realiza a interação com seu bebê através de uma “animação narrativa do objeto” o qual, embora inanimado, passa a “ter vida”, pois a mãe lhe confere um alento vital. Por vezes, a mãe o utiliza para estabelecer uma brincadeira de esconde-esconde, ou um jogo em que o objeto possa “pegar” o bebê ou “comê-lo”. Essas iniciativas lúdicas têm características rítmicas de interrogações abertas e enigmáticas. São repetidas as mesmas perguntas dentro de um suspense narrativo, com surpresa e aproximação lúdica, elemento fundamental neste processo.

Em seu reconhecido artigo sobre a capacidade para estar só, Winnicott (1958) refere a importância de o bebê experimentar-se só, mas na presença da mãe. Essa vivência seria um fenômeno elaborado que apareceria depois do estabelecimento da relação entre três. O bebê, então, passaria a conseguir permanecer sozinho uma vez que a mãe (ou o cuidado desta) estaria representada por um objeto presente no ambiente em que convivem.

Guerra (2010) menciona Roussillon (2008) para apontar a importância do construto de “intersubjetividade” nesse processo, retomando a importância desse encontro de um sujeito - repleto de pulsões e de uma vida psíquica inconsciente - com um objeto co-criado para abrir um inicial caminho de terciridade no amadurecimento psíquico do bebê. O autor igualmente refere Mazet (1992, citado por Guerra, 2010), confirmando ser a relação pais-bebê concebida como um “processo bidirecional” em que ambos, genitor e bebê, influenciam-se mutuamente, marcando a importância da participação do lactente na medida em que todos os seus gestos comunicam necessidades e satisfações. Assim, reitera os objetos tutores como precursores da intersubjetividade, como instrumentos de mediação entre pais e o bebê os quais, ao interporem suas instâncias, vão criando identidade na relação. A riqueza do construto de intersubjetividade diz respeito ainda à referência que faz de um encontro único e subjetivo que, em nenhum outro lugar e momento, será o mesmo. Para Guerra (2010), a análise das

interações lúdicas primordiais, demonstram a vivacidade da intersubjetividade e o papel dos objetos desde os primeiros meses.

Assim, a vivência cotidiana e paulatina de experiências intersubjetivas da díade é o que possibilitará a construção da capacidade de simbolização pelo bebê, caracterizada por alguns aspectos imprescindíveis pontuados por Guerra (2010):

1. É preciso que haja o desejo da mãe e do bebê de se separar.
2. A simbolização requer uma alternância da presença e da ausência do objeto concreto da mãe: nos primeiros meses, o bebê ainda não tem a mãe internalizada: “se não enxergo minha mãe, ela não existe”.
3. Para se efetivar a ruptura necessária entre a mãe e o filho, é preciso permitir a tramitação da agressividade, tanto da mãe quanto do bebê.
4. O corte proporciona uma divisão tanto dos espaços físicos - que os sujeitos da díade habitam - quanto os espaços internos, propiciando a construção do aparelho psíquico do bebê, impulsionando a formação das instâncias consciente, pré-consciente e inconsciente.
5. Não há simbolização sem uma experiência de separação de espaços. A capacidade simbólica se instaura pelo ritmo dos deslocamentos do afeto da mãe para um objeto concreto: quando há a ausências da mãe, o aparelho psíquico desloca seus afetos para algum objeto concreto para aliviar a sensação de “deixar de existir”.
6. O objeto concreto para o qual foi deslocada a atenção do bebê, através da libidinização da mãe que o apresenta ao filho, é chamado de “objeto tutor”. Para que ele se construa, é necessário que o bebê inaugure seus processos simbólicos, exercitando o mecanismo de deslocamento de afeto até conseguir se separar da mãe com continuidade de sentimento de si e de contenção do ambiente: o objeto tutor teria como principal característica testemunhar uma relação, que se mantém internamente estável, apesar dos ritmos de ausência - presença concretos.

Guerra (2010) amplia possíveis questionamentos:

“¿Qué es lo que hace que un cuarto, un ambiente, una casa, posea una «atmósfera continente»? ¿El hecho que esté investida, poblada de historias, de trazos, de marcas de encuentros?. ... ¿Poblada de objetos (tutores, testigos) que testimonian esos encuentros? Entonces, ¿cuando no hay nadie al rededor estamos realmente solos? ¿Los “objetos tutores” que “envuelven” al bebé, cumplen la misma función de protección, continuidad y seguridad que se describen imaginariamente?. ¿Esta experiencia que aparentemente se iniciara en la temprana infancia, perdura a lo largo de toda la vida ,a través del valor especial que le damos a los objetos y al ambiente? Es que a veces el lugar y la investidura de ciertos objetos en una casa no nos hablaría de cómo son los sujetos, de sus misterios y secretos?”(Guerra, 2010, p.13). E, citando o escritor M. Mujica Lainez (1996), Guerra (2010) promove o enriquecimento da noção de objeto tutor: “Las cosas de las cuales se afirma que carecen de alma, son dueñas de secretos profundos que se imprimen en ellas y les crea nun modo de alma especialísimo. Desbordan de secretos, de mensajes, y, como

no pueden comunicarlos sino a los seres escogidos, se vuelven, con el andar de los años, extrañas, irreales, casi pensativas" (Lainez, citado por Cruz, 1996, p. 161).

Muitas vezes, para o autor (Guerra, 2010), estamos "sós", sem a companhia de alguém, mas rodeados de objetos, de ambientes e de cores que relatam nossa intimidade e que poderiam representar o contato com os sujeitos ausentes. Aponta que a solidão dos objetos que nos acompanham, quando reservam histórias em seu interior, testemunhamos encontros: "*...ellos hacen compañía, tienen "historias que nos historizan" como sujetos, y significaciones afectivas íntimas que nos identifican. Es más significativo aún todo esto en los procesos de duelo en los que a veces los objetos tiene un valor más especial como 'testigos' de encuentros*" (p.15).

Em 2013, Victor Guerra retoma sua conceituação sobre os objetos tutores, referindo que "*...além dos ritmos e da presença humana, estão as coisas, os objetos...*" e questionando: "*poderiam estes (objetos) sustentarem a precária existência do ser humano?*" (p.3). Continua suas indagações propondo-se a pensar em como seria a vida sem os objetos tutores, momento em que cita Carlos Liscano (2001) e sua experiência prisional, apontando que ao sujeito a quem falem objetos "*... lhe resta o próprio corpo, lhe resta a palavra pensada, mas a palavra não serve para nomear o que não se tem, nem para comunicar-se. Não há nada, é o vazio: a água não é água, é umidade nas paredes... A palavra não serve para anunciar a ausência das coisas, de gente, da amante, dos amigos, vizinhos, pais, filhos*" (p.3). Liscano mostra o peso do ambiente em que falem objetos a lhe conferir existência: frente a tal ausência de objetos representativos de relações humanas, o sujeito necessita construir "delírios criativos" para sentir-se vivo.

Já a partir dos pressupostos de Tisseron, Guerra (2013) procura especificar como os objetos podem interferir nos processos psíquicos: construiriam círculos concêntricos à nossa volta, funcionando como envelopes e proteções, partindo do mais íntimo ao menos compartilhável, do mais individual ao mais social; criando compartimentos nos quais se depositariam histórias sem palavras, recordações encapsuladas pelos mecanismos de condensação e deslocamento, tal como descritos por Freud (1900) no funcionamento dos sonhos. Assim sendo, os objetos participariam de todo trabalho de assimilação da experiência e de estruturação do mundo interior.

Os objetos tutores, como testemunhas da presença dos outros, formariam parte do mecanismo de contenção do vazio, assegurando uma sensação de continuidade psíquica, representantes que são do cuidado e da continuidade histórica do sujeito em um período muito inicial da vida psíquica. São objetos surgidos dos primeiros enlacs intersubjetivos com outros significativos e que "guardam em si mesmos, a memória do encontro" (Guerra, 2013). Estar em contato com os objetos tutores reintegra narrativas pessoais perdidas.

No enredo de *Clarabóia*, Saramago (1953/2011) ilustra a função de testemunha dos objetos tutores ao sugerir que:

“Também os móveis e os objetos mais insignificantes de uma casa refletem algo da vida de seus proprietários. Deles se desprende frieza ou calor, cordialidade ou reserva. São testemunhas que contam, a todas horas, com uma linguagem silenciosa, o que viram e o que sabem. A dificuldade está em encontrar o momento mais favorável para recolher a confissão, a hora mais íntima, a luz mais propícia” (p.166).

Vê-se que a literatura, como produção primordialmente humana, reitera o valor historicizante dos objetos através de um papel de testemunha, onde se aninha a linguagem, forma peculiar de construção de subjetividade pela narrativa.

No ano de 2015, sua tese de Doutorado foi apresentada ao público no Congresso em Paris (in memoriam), e Victor Guerra deixou uma nova formulação quanto à faixa etária em que o objeto tutor apareceria: dos 6 aos 9 meses da vida do *infans*, reiterando a importância desses objetos pelo momento estrutural no qual emergem, fazendo parte da passagem do bebê de um funcionamento bidimensional a um tridimensional, inaugurando, pela experiência de Interludicidade, a capacidade de co-construir com o outro uma primitiva vivência de terceiridade, com ritmos e regras implícitas.

O trabalho do analista, tal qual o de um “arqueólogo do psiquismo” como nos propôs Freud (1937), permite-nos, por vezes, no exercício da clínica, descobrir algum desses objetos tutores que, escavados pela livre associação do paciente, vêm nos dar testemunho de arcaicas relações (Guerra, 2011). Uma paciente adulta, 42 anos, contava de seu sofrimento desencadeado por uma questão de herança: uma de suas irmãs mais velhas havia sido designada, de comum acordo entre os familiares, para cuidar da avó materna, indo residir na casa desta até a ocasião de seu falecimento. Aconteceu que essa irmã da paciente também veio a falecer, pouco tempo depois, de uma doença fulminante, ficando alguns pertences da avó a serem repartidos entre os netos. Neste ponto da história, a paciente verbaliza o quanto lhe é caro um objeto que gostaria muito de manter consigo: um pinguim de porcelana que ficava em cima da geladeira e que a avó lhe dava para brincar, desde que se lembra, enquanto cozinhava para a família. A mãe da paciente entregara a ela e outro irmão menor para essa avó criá-los e, pelo que lembra, ouvia a avó fazer o pinguim conversar com ela, dizendo-lhe que não fosse gulosa a ponto de pegar, escondida, todo sorvete, pudins e outras guloseimas da geladeira, pois ele estaria cuidando de que ela aprendesse a repartir e a esperar. Em outras ocasiões, relata a paciente, o pinguim acompanhava a avó, e a ela menina, espichando massa sobre a mesa com uma garrafa a fim de fazer biscoitos. Segundo ela, comiam uma bacia inteira das bolachinhas - ela, a avó e o pinguim - olhando a novela da tarde. Relata que, quando escolheu ficar com a estatueta de porcelana como herança, diz não ter lembrado de que era tão pequena, tendo guardado, na memória, a figura de um pinguim bem maior que as acompanhava nos afazeres culinários e era referido pela avó como o “primeiro amiguinho” que ela apresentara à neta quando esta

ainda nem sabia falar, contando que o fazia aparecer e desaparecer da vista da neta-bebê só para ver seus lindos olhos grandes e brilhantes “conversarem com ela”, olhando-a como quem pergunta : “Cadê o pinguim que tava aqui, vovó?”. Pode-se inferir a grandeza e a força desse objeto - libidinizado pela avó nas brincadeiras de esconde-esconde com a neta ainda bebê - que, por mais diminuto e frágil, deu conta de testemunhar uma miríade de afetos e vivências, tanto de aconchego e presença, quanto de ausência e vazio, sentimentos ambivalentes que a paciente acessou em uma sessão em que conseguiu promover nomeações e ligações representativas e simbólicas: “Até hoje meu relacionamento com minha mãe é gelado, só me sinto inteira quando penso na minha avó” (*sic*).

Ao definir e caracterizar os objetos tutores, Víctor Guerra deixa como legado sua sensibilidade e criatividade nos manejos da clínica, sua consistência teórica e, principalmente, sua generosidade em compartilhar o que estudava e pensava. Fez uso da voz dos poetas e da arte para transmitir - de forma criativa e clara - conceitos densos e profundos em Psicanálise, tornando-os mais acessíveis, permitindo a escuta do que existe de mais sublime no humano. Com um jeito sensível e delicado, convocou-nos a pensar a complexidade dos primórdios da vida psíquica e as intensas relações estabelecidas nessa época primordial. Enfatizou a importância dos vínculos nos momentos inaugurais da vida psíquica do bebê, fazendo uso de toda a sua afetividade para captar as sutilezas desses encontros permeados por aspectos não-verbais: com o seu olhar atento, entendeu que o mundo do bebê é povoado por objetos que o acompanham, identificam-no e o sustentam, em etapas e formatos variados. Lembrou-nos de que as coisas não são meramente coisas: os objetos que nos fazem companhia contam histórias, são testemunhas de encontros e relatam a intimidade familiar, representando a força do vínculo com o objeto ausente. Víctor Guerra contribuiu de maneira ímpar para com o arcabouço teórico-prático da Psicanálise ao descrever, com tamanha sensibilidade e maestria, os objetos tutores e sua imprescindível função na constituição psíquica do bebê que cresce rumo à complexização de um aparelho psíquico capaz de representar, amar e sonhar.

Referências

- Cruz, J. (1996). *Genio y figura de Manuel MujicaLainez*. Buenos Aires: Eudeba.
- Freud, S. (1900). *A interpretação dos sonhos*. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. IV. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____, S. (1937). *Construções em análise*. Obras Completas.V. XXIII.Imago: Rio de Janeiro, 2006.
- Guerra, V. (2008). *La triadificación y laterceridad en el primer año de vida del bebé. Cuando se necesitan tres, para que dos tengan (y dejen) ilusión de ser uno*.
- _____, V. (2010). *Simbolización y objetos en la vida psíquica: los objetos tutores*. Trabalho apresentado na Université Lumière II, 2010, França.

- _____, V. (2013) "*Tortura, violencia y creatividad: Carlos Liscano, entre ritmo, palabra y objeto*". In *Objetos Caídos*, Revista Magister en Psicología, Mención, Teoría y Clínica Psicoanalítica. UDP Universidad Diego Portales. Santiago, Chile.
- _____, V. (2015). "*Los objetos en la vida psíquica: los objetos tutores*". Tese de Doutorado na França apresentada na Journée Rythme et intersubjectivité a partir destravaux de Victor Guerra (in memoriam). Paris Decartes. Tutor: Alberto Konichekis.
- Roussillon, R. (2008). *L'intersubjectivité. L'inconscient et le sexual*. In A. Braconnier e B. Golse (Orgs.), *Sexe, sexuel, sexualité*. Paris: Érès.
- Saramago, J. (2012). *Claraboia*. Madrid: Alfaguara.
- Winnicott, D. (1958). *A capacidade para estar só*. In D. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artmed.
- Winnicott, D. (1971). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro, Imago Editora.